

FUTEBOL, PANDEMIA E RELAÇÕES DE GÊNERO: UMA EXPERIÊNCIA DE ENSINO-APRENDIZAGEM

ESP. PEDRO GABRIEL VIANA DO AMARAL

Especialista em Ensino de Educação Infantil pela

Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais – PUC/MG

Mestrando em Educação e Docência pela

Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG

Professor de Educação Física do Centro Lúdico de Interação e Cultura

Resumo | O presente artigo teve como objetivo narrar uma experiência de ensino de futebol num contexto em que as crianças estavam, aos poucos, retornando a escola de forma presencial. A partir da relação – pandemia, ensino do futebol e relações de gênero – foi possível constatar que os conflitos e tensionamentos não se resumiam às relações de poder, mas também as demandas afetivas da criança, marcadas pelo isolamento. Por fim, a experiência mostrou a importância do ensino das técnicas e das estruturas do futebol como instrumentalização para jogar e para querer jogar, possibilitando, neste grupo, um equilíbrio nas relações de poder entre os gêneros, tornando o futebol, um desejo coletivo.

Palavras-chave | Futebol; Pandemia; Relações de Gênero.

SOCGER, PANDEMIC AND GENDER RELATIONS: A TEACHING-LEARNING EXPERIENCE

Abstract | The current article aimed to narrate an experience of soccer teaching in a context where children were gradually returning to school physically. Through the relationship - pandemic, soccer teaching and gender relations - it was possible to conclude that the conflicts and tensions were not only about power relations, but also about the emotional demands of the children, marked by isolation. Finally, the experience brought out the importance of teaching the techniques and structures of soccer as an instrument to play and to want to play, making possible, in this group, a balance in the power relations between genders, making soccer a collective desire.

Keywords | Soccer; Pandemic; Gender Relations.

FÚTBOL, PANDEMIA Y RELACIONES DE GÉNERO: UNA EXPERIENCIA DE ENSEÑANZA-APRENDIZAJE

Resumen | El presente artículo pretende narrar una experiencia de enseñanza del fútbol sobre un contexto en que las infancias volvían progresivamente a la escuela de forma presencial. A partir de la relación - pandemia, enseñanza del fútbol y relaciones de género - fue posible observar que los conflictos y las tensiones no se referían sólo a las relaciones de poder, sino también a las demandas afectivas de las infancias, marcadas por el aislamiento. Finalmente, la experiencia demostró la importancia de la enseñanza de las técnicas y estructuras del fútbol como herramienta para jugar y querer jugar, posibilitando, en este grupo, un equilibrio en las relaciones de poder entre géneros, haciendo del fútbol un deseo colectivo.

Palabras clave | Fútbol; Pandemia; Relaciones de género.

INTRODUÇÃO

Os anos de 2020 e 2021 foram atravessados pela pandemia da Covid-19, acarretando em uma das maiores crises sanitárias a atingir o mundo, fazendo a população repensar seus dispositivos de funcionamento e suas relações. Esta nova realidade revelou a fragilidade humana, apresentando contextos de maiores agravamentos de desigualdades sociais, devastamentos naturais, individualismo e competição exacerbada, além de relações políticas, econômicas e sociais que vem culminando a construção de uma sociedade que, cada vez mais, se aproxima das narrativas distópicas (MACHADO *et al.*, 2020).

Apesar das inúmeras tentativas do Governo Federal em boicotar a vacinação por meio de argumentações negacionistas, o Brasil conseguiu começar e seguir com a campanha de imunização contra a Covid-19, resistindo e lutando em prol da ciência e da saúde pública, possibilitando que as escolas do país traçassem estratégias e datas de retorno às aulas presenciais. O processo de retomada é também permeado de contradições, impasses e conflitos, tendo em vista que nem todas as escolas obtiveram apoio para reestruturar seus espaços para acolher seus estudantes e formar os profissionais que nela atuam (MODELLI, 2022).

Diante do exposto, este trabalho se constitui a partir da urgência de se discutir as práticas docentes pós quarentena, em que é relatado a experiência de ensino-aprendizado do futebol em um contexto que as crianças de 10 e 11 anos (4º e 5º anos) mostravam-se fragilizadas devido aos atravessamentos da pandemia, assim como das relações de gênero e poder que se mostravam intensas e desequilibradas. O estudo foi desenvolvido em uma Escola Privada de Educação Infantil e Ensino Fundamental, localizada em Belo Horizonte, Minas Gerais, no 2º semestre de 2021.

Assim, foi em diálogo com a Pedagoga e a turma, que percebi um desejo em jogar futebol nas oficinas de Práticas Corporais¹, já que os meninos estavam proibidos de praticá-lo nos momentos de “pátio livre”². Tendo em vista que o esporte normalmente era um tempo e espaço de performance de um modelo de masculinidade hegemônica, ou seja, “pautado em certos valores, em especial virilidade, força, competitividade, coragem e bravura.” (MENDES; JUNIOR; ANJOS, 2016, p. 158), surgiu a dúvida se era possível tensionar tantas questões em um momento que todos estavam tão fragilizados. Será mesmo possível construir um futebol mais inclusivo neste novo retorno?

Tendo em vista que o esporte na escola pode reproduzir elementos da sociedade ocidental neoliberal, capitalista e individualista (VAGO, 1996), apenas negar sua prática possibilitaria tensionar estas questões, mantendo a exclusão de meninas e outros estudantes que desviam das performances de gênero masculino, já que, estruturalmente, não são bem vindos numa prática dominada por homens (MENDES; JUNIOR; ANJOS, 2016).

Logo, compreende-se gênero enquanto condição social e cultural que vai além de determinações biológicas, mas constitui-se na multiplicidade de identidades, como: Cisgênero, Transgênero (travestis e transexuais) e *Queer*, que é um termo mais recente e em discussão. De acordo

-
1. Onde se lê Oficinas de Práticas Corporais pode ser lido Aula de Educação Física.
 2. Este momento é um combinado na rotina do dia construído entre esta Pedagoga em diálogo com as crianças.

com a teoria de Butler (2017), *Queer* são seres humanos que transitam entre os gêneros, não se identificando com o feminino ou o masculino (MENDES; JUNIOR; ANJOS, 2016; VENÂNCIO *et al.*, 2021).

Destarte, o trabalho tem como objetivo narrar sobre uma experiência de ensino-aprendizagem de futebol pós quarentena; e, discutir as implicações acerca das relações de gênero na vivência e experiência deste esporte.

2 PERSPECTIVA METODOLÓGICA

Este estudo opta pela narrativa científica do Relato de Experiência, a qual por meio da Linguagem, “performatiza a experiência de singularização, atestada em um dinamismo descentrado da razão, e apta a suportar paradoxos” (DALTRO; FARIA, 2019, p. 235). De acordo com as autoras, esse modo de pesquisa não busca um saber universal, mas está aberto para constante análise para se produzir saberes novos e transversais. Logo, foram narradas 4 Oficinas de futebol, de frequência semanal, para 15 estudantes de 10 e 11 anos, no 2º semestre de 2021, em Belo Horizonte, Minas Gerais.

3 RELATO(S) DE EXPERIÊNCIA(S)

Em setembro de 2021, retornaram do as aulas presenciais do Ensino Fundamental. Os alunos do 4º e 5º ano, mostravam-se dispostos com o retorno, ainda precisando manter os protocolos sanitários de isolamento social e do uso de máscara. Apesar das vozes abafadas, foi possível fazer uma roda inicial de conversa para que cada um pudesse contar de si e do que gostaria de aprender nas oficinas de Práticas Corporais. Contudo, assim que a interação foi iniciada, um dos meninos já estava com uma das bolas na mão, perguntando: *Vamos jogar futebol?* Várias crianças se animaram com a proposta, enquanto outras (principalmente as meninas) nem tanto.

A turma contou como costumavam jogar o futebol, e, quanto mais explicavam as regras, tensões começavam a surgir: “*mas, você já fez isso, e brigou com todo mundo que falou com você sobre essa regra*”. Isso mostrou que há uma flexibilização das regras para que alguns tivessem mais vantagens e poder do que outros. As meninas continuavam a espera do que ia acontecer, e quando questionadas se participariam do jogo, argumentavam sobre a violência e a falta de respeito dos meninos.

Esta contextualização traz reflexões que dialogam com Vago (1996), é fulcral a vivência dos esportes, mesmo que atravessado por tensões e conflitos, pois, a aula de Educação Física pode ser o espaço de romper com essas barreiras sociais, históricas e culturais, tornando o futebol um esporte mais inclusivo (NUNES *et al.*, 2014).

3.1 Mini jogo, grandes conflitos

As equipes do primeiro jogo coletivo de futsal foram organizadas em pequenos grupos para que todos pudessem mostrar o que já sabiam, técnica e taticamente. Ao todo foram compostas 5 equipes de 3 integrantes. Esta proposta não se ancorou nas regras universais do esporte, pois abriria espaço de construir outras a fim de tornar a vivência mais inclusiva. Para esta primeira experimentação existiam apenas 2 regras: não teria goleiro e a obrigação de passar para todo mundo antes de tentar chutar a gol. Os mais habilidosos se destacaram e os outros começavam a arriscar chutes, passes, domínios, conduções.

Esta flexibilização de regras começou a gerar um certo desconforto para os meninos que conheciam mais sobre o esporte. Frases como: “*não é assim que se joga*”; “*elas jogam de forma desajeitada*”, denunciavam como a simples flexibilização dos dispositivos de regras do futebol mexe com as nuances de poder da masculinidade, tocando nas questões de gênero e na definição do futebol como espaço de homem e de homem que “sabe” jogar.

Vale ressaltar que essas relações de gênero e poder no esporte não devem ser analisadas enquanto “o bem e o mal” entre os meninos e meninas. Até porque, como dito anteriormente, são sujeitos em que, no

meio de sua formação social, foram atropelados pela pandemia, tendo sua educação e relações mediatizados pelas telas, corroborando para a formação de um sujeito mais individualista e competitivo, em um mundo capitalista, onde ser o melhor é validar a própria existência (MACHADO *et al.*, 2020).

3.2 Confronto

A partir da primeira oficina, algumas questões surgiram: quais intervenções fazer? A temática deve continuar sendo trabalhada? E, a partir desses questionamentos, foi posto em prática o seguinte plano de ação: primeiro, conversar com as crianças sobre como os discursos foram violentos; segundo, focar na parte técnica dos fundamentos do futebol.

Em princípio foram elencados os pontos de descontentamento e violência que haviam aparecido na oficina passada, o que poderia inibir algumas crianças de se sentirem à vontade para jogar. Uma das meninas disse: *“Eu mesma quando ouvi vocês fiquei meio envergonhada, não achei legal, mas joguei mesmo assim”*. Um dos meninos disse: *“[...] mas a gente só estava dizendo, a gente não queria ofender”*. Concordando com Mendes, Junior e Anjos (2016) novamente as mulheres sendo impedidas de sua plena participação no esporte e o quanto é importante problematizar essas questões.

Ouvindo os sujeitos, foi estabelecido que não seria aceita qualquer forma de discriminação nas aulas, sendo considerado uma falta gravíssima, perdendo o direito de participar e observar a oficina. O saber hegemônico sobre gênero estava permeando a aula, sendo assim foi necessário atuar enquanto autoridade docente.

Então, iniciou-se a parte prática: condução, controle e passe. A turma foi dividida em dois grupos que deveriam conduzir a bola até o colega do outro lado do campo e passá-la com o peito do pé. Quem recebesse a bola tinha que dominá-la, colocando os calcanhares no chão e levantando a sola do pé. Essas escolhas foram feitas pelas técnicas possibilitarem que as crianças tenham mais controle das suas ações com a bola, mas

não faltou criatividade e experimentações de modos de controlar a bola. Aos poucos o desafio foi aumentando, seja colocando um marcador que ficava parado, ou em movimento, sendo necessário ao menos conduzir a bola de modo a desviar deste.

Nesta oficina, além da intensa participação de todos, alguns dos estudantes que antes faziam movimentos mais segregadores, começaram a dar sugestões para as próximas oficinas e para os colegas: *“Eu conheço uma brincadeira ótima para trabalhar chute”*. Portanto, descentralizar os saberes docentes e compreender o que os alunos já construíram em outros tempos e espaços poderia ampliar o repertório educativo (MACAGNAN; BETTI, 2014).

3.3 Outros desafios e conquistas

“O que vai ter de futebol, hoje?” foi a pergunta feita por uma das meninas, enquanto esperavam animadas pelas explicações da oficina, demonstrando que desejavam aprender mais. Então, foram estabelecidas equipes pequenas para realizar mini jogos de futebol, assim como ocorreu na primeira oficina, a fim de identificar mudanças – procedimentais e atitudinais.

A proposta era igual da *“Mini jogo, grandes conflitos”*. Foi notado que as crianças estavam ficando muito cansadas por correrem muito e se dedicarem de forma intensa à prática, sendo necessário pausas maiores entre um jogo e outro. Mas, o mais interessante foi o que um dos meninos disse: *“nossa, jogar assim foi bem melhor”*. Pois, alguns deles ainda se pegavam competindo ferozmente, performando esta masculinidade tão tóxica a eles. Pode ser que esta seja a constante relação de desejo e tensão que Vago (1996) traz sobre o esporte.

As meninas continuavam cada vez mais atuantes e participantes. Arriscavam diferentes formas de conduzir, controlar, dominar e chutar a bola, pegavam dicas e conseguiam escutar as técnicas que eram trazidas para as aulas. A partir do diálogo, foi percebido que era preciso trabalhar um pouco mais de condução, controle de bola e chute ao gol.

3.4 Entre o esporte e o brincar

A brincadeira feita nesta oficina foi ideia de uma das crianças que já possuía experiência prévia com o futebol. Suas regras consistem em dividir as crianças em duas equipes e atribuí-las números. Como eram 15 crianças, ficaram 7 de um lado e 8 de outro. Foram colocadas duas bolas no meio de campo e quando gritasse um número, a criança de cada time, que tivesse sido atribuída àquele número, deveria correr, pegar uma das bolas, conduzi-la e fazer o gol ao entrar na área.

Para além de se preocupar em fazer o gol, todos eram desafiados a observar o seu time, as imprevisibilidades do erro e do acerto, mobilizando outros modos de torcer. Isso porque as mídias fomentam o produto de mercado no qual vaia, violentar, julgar a performance do outro é válida nos espetáculos do esporte; na escola é necessário confrontar esse saber e ressignificá-lo (MACAGNAN; BETTI, 2014).

À medida que todos se adaptaram bem a proposta, as dificuldades foram acrescentadas: caso o seu adversário tenha feito o Gol e você não, este poderia tentar roubar a sua bola e marcar um outro Gol. Como a divisão dos pares de número de uma equipe e outra estavam bem distribuídos na questão de habilidade, essa simples mudança prendeu os nossos olhares nas disputas de bola que aconteceram. Crianças que não tinham tantas oportunidades de jogar, disputaram a bola por tempos levando as torcidas a vibrarem, terem medo de levar gol, trazendo à tona diversas emoções, mas sem faltar com o respeito entre si.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Relato de Experiência cumpriu com sua função narrativa ao possibilitar que o docente desse sentido a sua prática pedagógica, assim como percebesse os saberes construídos durante o processo. Um destes, é a dimensão do afeto, que compreende as crianças enquanto sujeitos atravessados pela pandemia, para além “do bem e do mal”, precisando de escuta e acolhimento.

Em diálogo com a Pedagoga, a mesma relata que tentou propor dinâmicas que possibilitassem um futebol inclusivo, mas os meninos não sustentavam os combinados e voltavam a ter os comportamentos excludentes, sendo que, foi possível uma mudança deste paradigma, pois eles apostavam no saber técnico do Professor de Práticas Corporais. Consequentemente, todos puderam ter acesso as estruturas técnico e tático do jogo, promovendo o desejo em jogar e aprender a jogar.

A partir da fala de uma das estudantes – *você pode emprestar a bola para gente jogar futebol?* – percebeu-se que a experiência vivenciada possibilitou um equilíbrio flutuante entre as relações de gênero (NUNES *et al.*, 2014), em que o grupo se abria para a possibilidade de viver um esporte menos individualista e mais coletivo, revelando as potências e a urgência em confrontar e problematizar os modos hegemônicos de se vivenciar o esporte.

REFERÊNCIAS

BUTLER, J. **Problemas de gênero**. Feminismo e subversão da identidade. 14ª ed. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2017.

DALTRO, M. R.; FARIA, A. A. Relato de experiência: Uma narrativa científica na pós-modernidade. **Estud. pesqui. psicol.**, Rio de Janeiro, v. 19, n. 1, p. 223-237, 2019. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1808-42812019000100013. Acesso em: 20 de jun. de 2022.

MACAGNAN, L. D. G.; BETTI, M. Futebol: representações e práticas de escolares do ensino fundamental. **Rev. Bras. Educ. Fís. Esporte**, São Paulo, v. 28, n. 2, p. 315-27, abr./jun., 2014. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1807-55092014000200315>. Acesso em: 20 de jun. de 2022.

MACHADO, R. B *et al.* Educação Física Escolar em tempos de distanciamento social: panorama, desafios e enfrentamentos curriculares. **Movimento**, v. 26, e26081, jan./dez., 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.22456/1982-8918.106233>. Acesso em: 20 de jun. de 2022.

MENDES, B. G.; JUNIOR, J. A. S.; ANJOS, L. A. **Futebol, gênero e sexualidades.** In: SILVA, R. S.; CORDEIRO, L. B.; CAMPOS, P. A. F. O ensino do futebol: para além da bola rolando. 1 ed. Rio de Janeiro: Jaguatirica, 2016, p.157-173.

MODELLI, L. **Vacinação completa um ano com avanços, apesar de Bolsonaro.** DW. 17 jan. 2022. Disponível em: <https://www.dw.com/pt-br/vacinação-completa-um-ano-com-avanços-apesar-de-bolsonaro/a-60449930>. Acesso em: 05 mar. 2022.

NUNES, H. F. P. *et al.* Educação Física, futebol e gênero: uma proposta a partir das relações de poder. **Pensar a Prática**, Goiania, v. 17, n. 4, out./dez. 2014. Disponível em: <https://doi.org/10.5216/rpp.v17i4.30968>. Acesso em: 20 de jun. de 2022.

VAGO, T. M. O “esporte na escola” e o “esporte da escola”: da negação radical para uma relação de tensão permanente – Um diálogo com Valter Bracht. **Movimento**, v. 3, n. 5, 2/1996. Disponível em: <https://doi.org/10.22456/1982-8918.2228>. Acesso em: 20 de jun. de 2022.

VENÂNCIO, L. *et al.* Temas e desafios (auto)formativos para professores de educação física à luz da didática e da justiça social. **Cenas Educacionais**, Caetité, Bahia, Brasil, v.4, n.e10778, p.1-40, 2021. Disponível em: <https://revistas.uneb.br/index.php/cenaseducacionais/article/view/10778>. Acesso em: 20 de jun. de 2022.

Recebido: 21 outubro 2022

Aprovado: 15 fevereiro 2024

Endereço eletrônico:

Pedro Gabriel Viana do Amaral
pedrogabrielviana@gmail.com